

# O turismo de observação de aves no Brasil: breve revisão bibliográfica e novas perspectivas

Maria Antonietta Castro Pivatto<sup>1,3</sup>  
José Sabino<sup>2</sup>

## RESUMO

O interesse pelas aves como forma de lazer tem suas origens no século XVIII, mas naquela época tais práticas ocorriam de forma diferente da atual. Eram focadas principalmente em coletas para compor coleções particulares e acervos de museus. A observação de aves se desenvolveu apenas no século XX, quando as primeiras viagens organizadas para este fim começaram a ser divulgadas na Europa e Estados Unidos. Como atividade econômica, gera divisas e empregos em países pobres, além de motivar numerosas ações conservacionistas. Embora ainda seja pouco representativo no Brasil, o turismo de observação de aves demonstra grande potencial de crescimento e necessita de investimentos e pesquisas de forma a orientar sua implantação de modo sustentável.

**PALAVRAS-CHAVE:** observação de aves, ecoturismo, conservação, Brasil, desenvolvimento sustentável.

## INTRODUÇÃO

Embora o turismo de observação de aves seja praticado há décadas em países do hemisfério norte, apenas em anos recentes esta atividade tem merecido atenção no Brasil. Com cerca de 1800 espécies descritas, o país é o terceiro no mundo neste quesito e um dos principais em vocação para a exploração desse segmento do ecoturismo (SABINO e PRADO, 2006). A observação de aves envolve lazer, pesquisa científica, exploração econômica, conservação e educação ambiental das mais diversas formas, tornando-se um tema importante e moderno no atual contexto de desenvolvimento brasileiro.

Este texto focaliza um breve levantamento bibliográfico sobre a atividade de observação de aves sem, no entanto, esgotar o assunto. Seu principal objetivo é oferecer um histórico sucinto, de forma a estimular futuras pesquisas sobre o tema, que incentivem o desenvolvimento da atividade de no Brasil.

## O INÍCIO

De acordo com Moss (2005), até meados do século XVIII a relação humana com as



Figura 1. Reverendo Gilbert White trabalhando em seu jardim. Ilustração de Eric Ravillous

aves era baseada na religiosidade ou superstição – principalmente em populações mais primitivas –, como fonte de plumas para adornos, decoração e ainda um importante fornecedor de proteínas.

Apenas em 1789 o reverendo Gilbert White publica *The natural history of Selborne* (MOURÃO, 1999), considerada a primeira obra com referências à observação de aves. Moss (2005) ainda cita White, juntamente com Thomas Berwick, George Montague e John Clave, como os primeiros observadores de aves da história.

Embora o século XVIII marque o início das mudanças na relação homem-natureza, a curiosidade científica sobre o meio natural implicava quase que exclusivamente em coletas maciças de plantas, animais, ovos e até ninhos para coleções particulares e museus (MOSS, 2005). Esta relação perdurou até o início do século XX, para só então passar a ser mais contemplativa e sob a perspectiva da conservação ambiental.

As primeiras viagens para observação de aves aconteceram ainda no século XIX no Reino Unido. No início do século XX ocorreram as primeiras expedições em direção ao continente europeu e norte da África (MOSS, 2005). Nos Estados Unidos, as primeiras viagens curtas organizadas para observação de aves tiveram início na década de 1940, por meio do “*Nuttall Ornithological Club*” (fundado em 1873), quando a Audubon Society iniciou um movimento para conservação das aves (MOURÃO, 1999). Moss (2005) faz um detalhado relato sobre as primeiras viagens de observadores de aves na Inglaterra e Estados Unidos. Porém, até meados do século XX estas viagens eram de curta distância, prefe-

rencialmente dentro do próprio país (no caso dos Estados Unidos) ou do continente europeu.

Com o final da Segunda Guerra Mundial, o acesso a bens de consumo e equipamentos como binóculos, máquinas fotográficas e livros especializados, se tornaram importantes instrumentos para o desenvolvimento do turismo de observação de fauna (MATOS, 2004). Esta atividade ganhou impulso com o aumento das viagens aéreas nas décadas de 1950-60, associada ao novo interesse pelas questões ambientais (PIRES, 2002), culminando nos anos 1980 com o aparecimento do Ecoturismo.

Nos Estados Unidos, as primeiras viagens internacionais, organizadas por operadoras especializadas especificamente para a prática do “*birdwatching*” (observação de aves) aconteceram apenas na década de 1970, com objetivo de ampliar o número de espécies nas listas pessoais dos observadores de aves (Bret Withney com. pess., 2006). Segundo Moss (2005), os observadores mais aficionados, conhecidos como “*twitchers*”, começaram a viajar em ritmo de competição para ter o maior número de espécies anotadas em suas listas pessoais.

No Brasil, o interesse pela atividade cresce a partir das décadas de 1970-80, quando clubes de observadores de aves no Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo programavam atividades relacio-

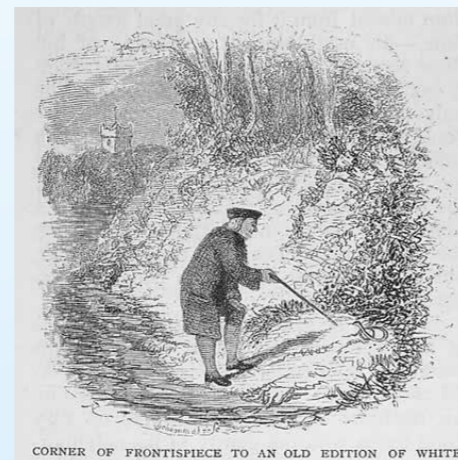


Figura 2. Ilustração de uma antiga edição de *The natural history of Selborne*, de Gilbert White



Figura 3. Observadores de aves em Point Lee, Canadá. Foto: Martha Argel

Atualmente, esta atividade é praticada em vários países ou regiões de um mesmo país, havendo aqueles que mais recebem observadores (receptivos) e aqueles de onde mais saem observadores (emissivos), com pacotes turísticos comercializados especialmente via Internet.

## ECOTURISMO

Considerado o segmento do turismo que mais cresce a cada ano no mundo (EMBRATUR, 1994), o ecoturismo possui diversas modalidades, sempre associadas ao lazer em meio natural e que não resultam em degradação do ambiente visitado ou de suas populações nativas.

A observação de aves é considerada um segmento do ecoturismo que, para ser viável, depende de ambientes favoráveis à existência da avifauna (FIGUEIREDO, 2003), sendo muito popular em países como Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, Canadá, Japão e Alemanha (YOURTH, 2001).

Para Duffus e Dearden (1990), o enfoque central da atividade de lazer é o prazer não-consumista, advindo da natureza, por meio de atividades tais como caminhadas, fotografia, *rafting*, observação de baleias e aves. O valor dessa atividade, às vezes chamado de “valor de amenidade” (WILSON, 2003), pode ser considerável, especialmente se avaliarmos sua sustentabilidade, pois os visitantes de uma determinada região continuarão a visitá-la enquanto suas características naturais continuarem conservadas (PRIMACK e RODRIGUES, 2002). Esta nova relação com o meio natural destoa integralmente das primeiras viagens exploratórias descritas no item anterior, quando o foco principal não era a contemplação e a conservação, mas sim a coleta de animais para coleções particulares e museus.

Para Tapper (2006), a observação de vida selvagem é uma atividade relacionada simplesmente à contemplação de fauna,

distinta de outras formas de atividades relacionadas ao meio natural, como caça e pesca. É essencialmente uma atividade contemplativa, embora em alguns casos envolva interação com os animais observados, como tocar ou alimentá-los. O *wildlife watching tourism*, ou turismo de observação de vida selvagem, é a atividade organizada especificamente para esse fim.

## ECONOMIA E CONSERVAÇÃO

O ecoturismo representa uma importante fonte de renda para muitos países em desenvolvimento (PRIMACK e RODRIGUES, 2002). Segundo Yourth (2001), esta atividade pode influenciar decisões críticas em países biologicamente ricos, mas com poucos recursos financeiros e opções de desenvolvimento como Costa Rica, Tanzânia, África do Sul, Botswana, Belize, Zâmbia, Equador, Indonésia e Quênia, onde os safáris tornaram-se uma fonte importante de receita. Em 1995, o Serviço de Vida Silvestre do Quênia (*Kenya Wildlife Service*) calculou que o turismo, 80% do qual se concentrava na observação da vida silvestre, representava um terço das divisas do país (YOURTH, 2001). A Costa Rica arrecada cerca de 1,5 bilhão de dólares anualmente com a visitação turística de seus parques nacionais (ESCOBAR, 2006), sendo a observação de aves uma das principais atividades.

Segundo Kerlinger (2000), estudos recentes sobre a relação entre o turismo de observação de aves e economia demonstraram que áreas de visitação de vida selvagem atraem milhões de turistas anualmente, o que representa importantes rendimentos para comunidades rurais e para projetos conservacionistas. Cabe destacar que, para que essa forma de ecoturismo seja uma fonte de recursos sustentável, os recursos naturais precisam ser conservados, garantindo a manutenção e a continuidade dos processos naturais (PRIMACK e RODRIGUES, 2002; SABINO e ANDRADE, 2003). Um número expressivo de pessoas paga valores monetariamente altos pela oportunidade de observar determinadas espécies, sendo que um em cada cinco norte-americanos indica a observação de aves como uma de suas atividades prediletas de lazer, e quase 40% viajam para observar aves (TAPPER, 2006). Ao deixar de participar desse mercado, os prejuízos são tanto econômicos quanto ambientais, visto que os benefícios podem ser revertidos tanto para o desenvolvimento quanto para a conservação (ESCOBAR, 2006).

Embora o impacto econômico total das atividades relacionadas com a vida silvestre não possa sempre ser facilmente quan-

tificado, a *National Survey on Recreation and the Environment* - NSRE (2000) mostra que entre 1991 e 1996 as despesas com excursões de observação da vida silvestre aumentaram em 21%, sendo que em 1996, 77 milhões de adultos, cerca de 40% da população adulta dos Estados Unidos – participaram em alguma forma de lazer relacionado com a vida silvestre. Suas atividades geraram US\$ 100 bilhões em vendas de equipamento, transporte, licenças, hospedagem, alimentação e outras despesas relacionadas com seus interesses ao ar livre (YOURTH, 2001). Em outro levantamento, a *U.S. Fish & Wildlife Service* (USFWS, 2001) indica que observadores de aves gastaram aproximadamente 32 bilhões de dólares com esta atividade nos Estados Unidos em 2001.

Além dos aspectos econômicos, a observação de aves é uma atividade que estimula o interesse pela avifauna e pelo ambiente, podendo trazer ganhos na conservação da biodiversidade (YOURTH, 2001), visto que observadores da vida silvestre, pessoas em geral com bom nível financeiro e de instrução, dispõem-se a pagar pela proteção dos lugares que visitam. Uma pesquisa feita em 1995 pela *Travel Industry Association of America* constatou que 83% dos turistas norte-americanos estavam dispostos a apoiar agências de viagens ambientalmente responsáveis e a gastar, em média, 6,2% a mais por estes serviços e produtos de viagem (YOURTH, 2001). Em outra pesquisa, Lachiondo (2000) indica que 56% dos turistas entrevistados têm a disponibilidade de pagar impostos para a conservação dos espaços protegidos da região Macaronésia (arquipélagos da região atlântica entre Portugal e norte da África).

Yourth (2001) cita também o aumento do que ele classifica como ciência cidadã, na qual milhares de observadores realizam uma constante coleta de dados, contribuindo para o conhecimento da distribuição destas espécies e suas respectivas informações comportamentais. Ainda segundo este autor, diversas ações conservacionistas foram originadas e fortalecidas por grupos



Figura 4. Pato-real (*Anas platyrhynchos*) em Feldafing, Alemanha. Foto: Daniel De Granville



Figura 5. Observadores de aves no Parque Nacional de Itatiaia, RJ. Foto: Tietta Pivatto

de observadores de aves, como as campanhas promovidas pelo *Common Bird Census* (Grã-Bretanha), *Christmas Bird Count* (National Audubon Society, EUA) e *Breeding Bird Survey* (U. S. Geological Survey, EUA).

Segundo Pedro Devey (com. pess., 2006), outro evento importante relacionado à observação de aves são as *Bird Fairs*, feiras especializadas que ocorrem anualmente em países como Inglaterra, Itália, Holanda, Coréia do Sul, Estados Unidos, Canadá, África do Sul e Venezuela. Milhões de dólares são movimentados nestas feiras em venda de pacotes turísticos, equipamentos, roupas, acessórios, doação a projetos conservacionistas e principalmente divulgação da atividade tanto nos países emissores quanto receptivos. *A The British Birdwatching Fair* acontece desde 1989 e já gerou US\$ 2,600,000.00 para projetos de conservação.

Pivatto e Sabino (2005) compilaram diversos impactos positivos e também negativos oriundos do turismo de observação de aves em pesquisas publicadas, concluindo que esta atividade pode contribuir para a conservação de habitats, porém deve-se observar rigorosamente as recomendações para práticas de mínimo impacto ambiental, e evitar ao máximo a perturbação das aves durante a atividade turística.

#### NO BRASIL

Wheatley (1995) lista 29 localidades brasileiras com grande demanda para observação de aves. O Brasil já é explorado há vários anos neste segmento, mas não se en-



Figura 6. Arara-azul-grande (*Anodorhynchus hyacinthinus*), espécie muito valorizada pelos observadores de aves. Foto: Daniel De Granville

contram dados oficiais sobre a demanda de tal atividade, nem dos recursos financeiros ou empregos gerados em função desse segmento. Todas as informações são apenas estimativas divulgadas por operadoras de turismo especializadas que oferecem pacotes para observação de aves (BIRD QUEST, 2006; FIELD GUIDES, 2006; TROPICAL BIRDING, 2006). Whitney (2006) estima que cerca de 600 turistas venham ao Brasil anualmente especificamente para observar aves, gerando cerca de US\$ 1,000,000 por ano.

Com o aumento da demanda por viagens a ambientes naturais no Brasil, principalmente após a realização da Conferência Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento – Eco 92, a EMBRATUR passou a promover roteiros ecológicos, enquanto operadoras de turismo procuravam direcionar suas atividades para destinos como Pantanal, Amazônia e cidades serranas. Todavia, essas empresas não tinham um entendimento definido do potencial turístico das regiões citadas para outras atividades mais específicas, como a observação de aves (PELLEGRINI, 1993).

Escobar (2006) apresenta dados de visitação dos 23 Parques Nacionais brasileiros oficialmente abertos para o turismo. Segundo o autor, estes parques receberam 3 milhões de visitantes em 2005, sendo que os mais visitados foram Foz do Iguaçu (PR) e Tijuca (RJ), com um milhão de visitantes em cada um. Estes dois Parques aparecem com frequência em roteiros para observação de aves divulga-

dos na Internet por operadoras especializadas.

Atualmente, o universo de observadores de aves brasileiros é composto principalmente por especialistas, estudantes e observadores amadores (FIGUEIREDO, 2003). Notadamente a partir da década de 1990, houve um aumento na divulgação das riquezas naturais brasileiras pela mídia e a observação de aves veio gradualmente despertando interesse, tendo sido destaque recentemente em programas televisivos e artigos de jornais e revistas de grande repercussão nacional, como o Programa Globo Repórter, Jornal O Estado de São Paulo, Revista Host 08 e Revista Terra da Gente em várias edições, entre outros. Diversas páginas na Internet abordam o assunto, inclusive com grupos de discussão conduzidos e compostos por profissionais, como por exemplo, o Grupo OrnitoBr, Birdwatching Brasil e Observação de Aves (PIVATTO e SABINO, 2005).

Destacam-se dois eventos para organização do setor no Brasil, o *Primeiro Encontro de Observadores de Aves e Turismo* (24-25/11/97, Rio de Janeiro – Roberto Mourão com. pess., 2006) e *Encontro Brasileiro de Observação de Aves – Avistar* (primeira edição realizada de 31/05 a 03/06/06 e segunda edição entre 30/05 e 04/06/07, São Paulo).

Em algumas cidades brasileiras como São Paulo, Curitiba e Rio de Janeiro, as associações de observadores de aves programam atividades voltadas à conservação, mas seu número ainda é pequeno (CEO, 2007) frente ao potencial dessa atividade nas diversas regiões e ecossistemas do Brasil.

#### DIVULGAÇÃO

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, entre outros países, existem numerosas publicações relacionadas a *birdwatching*, mas no Brasil ainda são poucas as referências. Enquanto nos Estados Unidos, por exemplo, existem publicações dedicadas exclusivamente a esse assunto (e.g. WHEATLEY, 1995; KRESS, 2000; DUNHAM, 2000; MOSS, 2005), no Brasil as referências sobre essa atividade são encontradas apenas em capítulos específicos de livros sobre identificação de avifauna (e.g. ANTAS e CAVALCANTI, 1988; ANDRADE, 1992; WEINBERG, 1992;

BELTON, 2004; ANTAS, 2004; BECKHAUSER *at al.*, 2004; FRISCH, 2005; SIGRIST, 2006). A Revista Atualidades Ornitológicas publica eventualmente artigos com o tema e a Sociedade Brasileira de Ornitologia planeja lançar a Revista Brasileira de Observação de Aves – Surucuá (Fernando C. Straube, com. pess., 2007).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pouca oferta de publicações brasileiras sobre o tema, poucos destinos e roteiros, carência de guias especializados, dificuldades de acesso e a falta de conhecimento do público nacional sobre essa atividade foram apontadas por Matos (2004) como aspectos limitantes ao maior desenvolvimento da atividade no Brasil. Embora o país possua grande potencial para implementação do turismo de observação de aves, a falta de investimentos restringe a exploração dessa atividade que poderia gerar divisas, empregos e conservação ambiental. Pesquisas que pudessem trazer informações mais precisas sobre este mercado poderiam direcionar investimentos e auxiliar no planejamento e identificação de locais com demanda para esta atividade no Brasil, com resultados positivos tanto para o meio ambiente como para a economia regional. A inclusão do tema em políticas públicas de gestão de recursos naturais e na área de pesquisa científica seria uma forma eficaz de reduzir estas limitações e apontar caminhos e soluções para uma área com grande potencial de desenvolvimento regional, baseados em componentes de sustentabilidade ambiental, econômica e social. Por fim, o turismo de observação de aves poderia ser fomentado em Parques Nacionais e pequenas comunidades onde a riqueza ambiental restringe atividades econômicas mais impactantes.

#### AGRADECIMENTOS

A Fernando Costa Straube, Sérgio Rubens Vieira de Almeida, Pedro Devey, Bret Whitney, José Fernando Pacheco e Roberto Mourão pelas informações cedidas para este artigo.

#### REFERÊNCIAS

- Andrade, M. A. (1992) *Aves silvestres de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Conselho Internacional para a Preservação das Aves.
- Antas, P. T. Z. (2004) *Pantanal - guia de aves*. Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC Pantanal. Rio de Janeiro: Departamento Nacional, SESC.
- Antas, P. T. Z. e Cavalcanti, R. B. (1988) *Aves comuns do Planalto Central*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Avistar (2006) *Encontro Brasileiro de Observação de Aves*. <http://www.avistarbrasil.com.br> (acesso em 16/06/2006).

- Beckhauser, L.; Mohr, M. e Tafner, M. J. (2004) *Guia de observação de aves do Vale Europeu*. Blumenau: Editora Asselvi.
- Belton, W. (2004) *Aves silvestres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul.
- Bird Quest (2006) *The Pantanal and Interior Brazil*. <http://www.birdquest.co.uk/frameset.cfm?bTours=0> (acesso em 16/06/2006).
- Centro de Estudos Ornitológicos [CEO] (2007) *Organizações ornitológicas e grupos temáticos de interesse da ornitologia brasileira*. <http://www.ib.usp.br/ceo/organiz.htm> (acesso em 06/07/2007).
- Duffus, D. A. e Dearden, P. (1990) Non-consumptive wildlife-oriented recreation: A conceptual framework. *Biological Conservation* 53: 213-231. Em: Primack, R. B e Rodrigues, E. 2002. *Biologia da Conservação*. Londrina: Editora Planta.
- Dunham, J. (2000) *Birdwatching*. New York: Discovery Communications, Inc.
- Escobar, H. (2006) Riquíssimo em biodiversidade, Brasil ainda é pobre em turismo. *Jornal O Estado de São Paulo*, São Paulo, 21/05/2006. Seção Vida&, p. A30. <http://txt.estado.com.br/editorias/2006/05/21/ger123858.xml> (acesso em 22/05/2006).
- Field Guides (2006) *Safari Brazil – The Pantanal and more*. <http://www.fieldguides.com/centrazil.htm> (acesso em 16/06/2006).
- Figueiredo, L. F. (2003) *A observação de aves*. Centro de Estudos Ornitológicos. <http://www.ib.usp.br/ceo> (acesso em 03/04/2006).
- Frisch, J. D. (2005) *Aves Brasileiras e plantas que as atraem*. São Paulo: Dalgas Ecoltec Ltda.
- Instituto Brasileiro de Turismo [EMBRATUR] (1994) *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília: Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo.
- Kerlinger, P. (2000) *Economics of Open Space Conservation*. Cornell Laboratory of Ornithology. <http://query.cornell.edu:8765/query.html?qp=site%3Aibirds.cornell.edu&rq=0&col=campus&ht=0&ws=0&si=0&q=kerlinger>. (acesso em 05/05/2006).
- Kress, S. W. (2000) *National Audubon Society Birder's Handbook*. New York: Dorling Kindersley Book.
- Lachiondo, C. S. (2000) O turismo como instrumento financeiro para a conservação da natureza, p: 55-63. Em: *Guia para o financiamento da Rede Natura 2000 na região biogeográfica Macaronesia (Açores, Madeira e Canárias)*. Terra – centro para a política ambiental. [http://terracentro.org/Docpt/Macaronesia%20\(pt\).pdf](http://terracentro.org/Docpt/Macaronesia%20(pt).pdf) (acesso em 22/05/2005).
- Matos, E. M. (2004) Turismo de observação de fauna silvestre. Em: *5ª Coletânea de Trabalhos de Conclusão de Cursos de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria do Centro Universitário SENAC*. CD-ROM. São Paulo: SENAC.
- Moss, S. (2005) *A bird in the bush. A social history of birdwatching*. London: Aurum Press Ltd.
- Mourão, R. M. F. (1999) Observação de Aves. Caderno de Subsídios Observação de Aves, Em: *Manual Melhores Práticas para o Ecoturismo*, p. 248-258. Rio de Janeiro: Programa MPE Funbio.
- National Survey on Recreation and the Environment [NSRE] (2000) National Survey of fishing, Hunting, and Wildlife-associated Recreation. p. 394-402. Em: Sekercioglu, C. H. (2003). *Conservation through commodification*. *Birding*. August.

- Pellegrini Filho, A. (1993) *Ecologia, cultura e turismo*. São Paulo: Editora Papirus, Coleção Turismo.
- Pires, P. S. (2002) Dimensões do ecoturismo. Em: MATOS, E. M. 2004. Turismo de observação de fauna silvestre. *5ª Coletânea de Trabalhos de Conclusão de Cursos de Pós-graduação em Turismo e Hotelaria do Centro Universitário SENAC*. CD-ROM. São Paulo: SENAC.
- Pivatto, M. A. C. e Sabino, J. (2005) Recomendações para minimizar impactos à avifauna em atividades de turismo de observação de aves. *Atualidades Ornitológicas* 127: 7-11.
- Primack, R. B e Rodrigues, E. (2002) *Biologia da Conservação*. Londrina: Editora Planta.
- Sabino, J. e Andrade, L. P. (2003) Uso e conservação da ictiofauna na região de Bonito, Mato Grosso do Sul: o mito da sustentabilidade ecológica no rio Baía Bonita (Aquário Natural de Bonito). *Revista do Programa Biota/FAPESP. Biota Neotropica*. 3(2). Disponível em <<http://www.biotaneotropica.org.br/v3n2/pt/abstract?point-of-view=BN00403022003>>. Acesso em jul/2006.
- Sabino, J e Prado, P. I. (2006) Síntese do Conhecimento da Diversidade Biológica de Vertebrados do Brasil, p. 55-143 In: Thomas M. Levinsohn [Org.] *Avaliação do Estado do Conhecimento da Diversidade Brasileira*. 1 ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, v. II.
- Sigrist, T. (2006) *Aves do Brasil, uma visão artística*. São Paulo: edição própria.
- Tapper, R. (2006) *Wildlife watching and tourism: a study on the benefits and risks of a fast growing tourism activity and its impacts on species*. United Nations Environment Programme/Secretariat of the Convention on the Conservation of Migratory Species of Wild Animals. Bonn: United Nations Premises.
- Tropical Birding (2006) *Brazil – The Pantanal and Amazon*. [http://www.tropicalbirding.com/sam/sam\\_frameset.htm](http://www.tropicalbirding.com/sam/sam_frameset.htm) (acesso em 16/06/2006).
- U.S. Fish & Wildlife Service [USFWS] (2001) *Birding in the United States: a Demographic and Economic Analysis*. National Survey of fishing, Hunting, and Wildlife-associated Recreation, 2001:1.
- Weinberg, L. F. (1992) *Observando aves no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Littera Maciel Ltda.
- Wheatley, N. (1995) *Where to watch birds in South America*. London: Princeton.
- Wilson, E. O. (2003) *Biophilia, the human bond with other species*. Cambridge: Harvard University Press, 20 ed.
- Yourth, H. (2001) Observando x Caçando. *Revista World Watch*, WWI-Worldwatch Institute / UMA - Universidade Livre da Mata Atlântica. [http://www.wuia.org.br/observando\\_cacando.htm](http://www.wuia.org.br/observando_cacando.htm) (acesso em 10/11/2004).
1. Instituto das Águas da Serra da Bodoquena, Rua Pilad Rebuá, 1186 - CEP 79290-000 – Bonito, MS. E-mail: tietta.pivatto@gmail.com
  2. Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional, Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal, Rua Alexandre Herculan, 1400, Bairro Jardim Veraneio – 79037-280 Campo Grande, MS. E-mail: cmdr@uniderp.br
  3. Autor para correspondência